

AQUISIÇÃO DOS VERBOS COM ALTERNÂNCIA VOCÁLICA

IRANI RODRIGUES MALDONADE
UNICAMP

INTRODUÇÃO

Este trabalho é o resultado parcial da análise de dados da minha dissertação de mestrado. Trata-se de um trabalho em andamento. O tema é a aquisição dos verbos com alternância vocálica por uma criança, Marcela (M daqui para frente), que gravei semanalmente de 1;06 aos 4;06. Para este artigo foram incluídos os dados até 3;6, privilegiando-se o período dos desvios. A análise de dados é feita a partir da perspectiva teórica do sócio-interacionismo.

Os verbos que apresentam alternância vocálica são descritos como aqueles que apresentam alteração na vogal média do radical (/e/ ou /o/) quando aí recai o acento tônico; por exemplo: tem-se jogo (com o /o/ aberto na primeira sílaba, que é a tônica), mas não jogo (com o /o/ fechado na sílaba tônica inicial). A descrição destes verbos é muito controversa, assim como também variam muito as explicações para este fenômeno do português. Para o momento, basta tornarmos claro que os verbos encontrados na fala de M com desvios são: cós-po, dó-rmo, tós-so, só-bo, consé-go, fô-jo, dés-ço, pós-so, mór-do, conhé-ço e escré-vo.¹

O conjunto de dados selecionados para análise compreende os verbos que apresentam alternância vocálica na fala de M de 1;6 a 3;6. De acordo com o ponto de vista adotado, que não nos obriga a uma higienização dos dados, iremos examinar a fala de M, que se encontra transcrita das sessões de gravações, sem excluir as repetições ou imitações, como às vezes foi feito por pesquisas da área.

Trataremos, especificamente aqui, do período em que esses verbos aparecem na fala de M em 1ª pessoa, com alteração da vogal do radical, ou seja, o período dos desvios.

¹ Foi usado o acento agudo para sinalizar graficamente o fenômeno da abertura da vogal do radical em 1ª pessoa do singular apenas como recurso de impressão, pois a impressora utilizada não possibilita trabalharmos com símbolos fonéticos.

A concentração deles acontece em torno dos 2;06 aos 3;02. Temos, por exemplo, a primeira ocorrência de *dómo* (obtida por anotação em diário) aos 2;07.11 e a última selecionada para este artigo, aos 3;04.21.

Neste período, uma pessoa leiga poderia observar que M "flexiona" o verbo em 1ª pessoa-singular, mas não altera a vogal média do radical desses verbos, na maioria dos casos. Produz, com isso, itens estranhos aos ouvidos como: *escrevo*, *dómo*, e *tóssso*, entre outros.

Este tema já foi discutido por vários autores em aquisição da linguagem, principalmente na década de 70, quando se procurava no percurso de aquisição da linguagem um respaldo para a teoria lingüística, no caso o inatismo. Parece óbvio aos olhos de qualquer pessoa que a criança está produzindo um item não previsto pela gramática adulta por algum motivo. A obviedade da resposta para isso também não deveria demandar tantos esforços. Um leigo poderia dizer que a criança não conhece a gramática de sua língua e portanto não poderia falar corretamente. Não muito diferente foi a conclusão a que chegaram os estudos inatistas que discutiram o tema.

Para Perroni-Simões (1976), a aquisição dos verbos que apresentam alteração vocálica dependeria da aquisição de uma regra opcional de flexão de 1ª pessoa. Seria, por esta razão, uma aquisição tardia na fala da criança. Já para Brown (1973), dados, como os aqui selecionados, jamais chamariam a atenção, pois o autor só considerava para sua análise os acertos na fala da criança. Não eram trazidos para qualquer reflexão nenhuma imitação na fala das crianças de enunciados dos adultos (Brown 1973, 357).

São exatamente estes, os dados, que nos interessam discutir aqui.

De acordo com o ponto de vista teórico assumido, o sócio-interacionismo, a fala inicial da criança pode ser interpretada como em dependência dialógica, com relação a de seu interlocutor. No início, a criança é fala da pelo Outro. Como poderia a aquisição das formas flexionais do verbo estar alheia ao processo de dependência dialógica?

Como veremos, o processo de dependência dialógica permeia a aquisição desses verbos. A criança não trabalha com itens isoladamente, muito menos aplica uma regra que se integre ao sistema lingüístico imediatamente. Antes, esta aquisição se "submete" aos processos dialógicos, na dependência estrutural inicial da fala da criança com relação à do adulto.

Por interferência da teoria lingüística, a aquisição dos verbos tem sido tradicionalmente estudada, em aquisição da linguagem, verificando-se a emergência de itens verbais e a aplicação de regras lingüísticas à fala da criança, associando-se às idades. Os estudos inatistas da década de 70 cumpriam seu compromisso descritivo com a fala da criança.

Atualmente a fala da criança pode ser reconhecida, não como resultado de um processo cumulativo, mas como uma atividade, sujeita, inclusi-

ve, a reorganizações que passam pela experiência da criança com a própria linguagem. Hoje, o desenvolvimento lingüístico tende a ser analisado como processual, mesmo que visto por diferentes postos teóricos. Alguém que tenha convivido com qualquer criança, facilmente concordaria que há certos períodos em que ela parece retroceder, ou voltar atrás em seu desenvolvimento lingüístico. Como isto poderia ser explicado se se admitisse que a criança trabalha com regras de flexão? Se ela aprende uma regra, ela aplica e, portando, passaria a não mais produzir itens barrados pela gramática de sua língua. No entanto, não é isso que se observa. E parece que não se trata somente do caso da aquisição desses verbos com alternância vocálica. Como se explicariam os retrocessos? E quando e como se teria a certeza de que a criança completou esta aquisição? Será que a ocorrência de um item verbal, tal como o previsto pela gramática adulta, garantiria a finalização de um processo? Para mim, a resposta é negativa.

Supor que a criança trabalhe diretamente com as regras lingüísticas e, por outro lado, concebê-la como dependente estruturalmente da fala do outro, parece-me incompatível. Que solução (diferente) poderia o sócio-interacionismo dar à aquisição dos verbos que apresentam alternância vocálica? Acredito que assumir essa perspectiva, a sócio-interacionista, implica em, pelo menos, acolher como dado a fala do interlocutor. Nenhum dos autores aqui mencionados trouxe para seu conjunto de dados a fala do interlocutor. Não basta somente "adotar" este recorte teórico, se não se demonstra qual relação existe da fala do interlocutor sobre a da criança e vice-versa (por que não?), e qual é o seu papel estruturalmente com relação ao percurso dessa aquisição.

Vejamos os dados da fala de M.

O item verbal *dormir* pode nos ser útil para demonstrarmos nosso ponto de vista.

Antes do período assinalado, somente aparecia *dormir* nas estruturas: <tá dumino> <vô dumi>. Aos 2;07.11 aparece na fala de M a 1ª ocorrência de *dómo* para 1ª pessoa-singular.

Observemos os trechos transcritos abaixo:

1 - (após o almoço, M joga bola com sua irmã Daniela)

Dani: Cê vai dormir?

M: Eu não domo.

(ainda nesta idade era hábito M dormir às tardes)

M 2 ; 07 . 11 (diário)

2 - (I havia esperado por algum tempo M acordar à tarde para poder gravá-la)

I: Cê sabia que cê dorme muito?

I: CÊ sabia que cê dorme muito, dona Marcelinha?

M: Ó dómo.

M: Eche qué vê mesmo.

M: Ó chabia.

M: Puque eu dómo.

I: Ah, é, é!

Sabia que eu tô te esperando aqui faz um tempo? A madame lá dormindo numa boa e eu aqui. Ó que eu cheguei (estala os dedos)! Faz muito tempo.

I: Ah, cê qué fazê assim também com o dedo? Vamo vê se eu sei fazê a Marcela estalá? Acho que não sei, viu Marcela!

I: Tá difícil. Você ainda não consegue Consegue?

M: Aqui ói.

M: Não.

M: Viu mochinha!

M: Que sacola, né mochinha!

M 2;07.18 (gravação)

I: ã?

I: Cê sabia que cê dorme muito?

I: Cê dorme!

I: Por quê?
Por que cê dorme tanto assim?

I: Ah, é, é!

I: Consegue, Marcela?

I: Consegue, ou não consegue?

I: Hum!

I: Mas cê dorme viu mochinha!

I: Que sacola, viu mochinha!

Dados semelhantes aparecem nas sessões seguintes aos 2;08.24, 2;09.03 (diário), 2;09.04, 2;09.25 e 2;10.12.

Vejamos algumas delas.

3 - (M e I no quarto de M, que ganhou uma cama nova para deixar de dormir no berço)

M: Essa.

M: Aqui.

M: Eu dómo.

M: Você dome aqui.

M: Naquela cama.

M: É minha.

M: Eu. Ai.

M: Aqui. Quando o vô chegá lá no quarto na minha mãe dorme aqui.

M: Quan/ quando vô/ a vô chega no quarto da minha mãe e/eu dómo aqui.

M: Vô vai lá.

M: Vô vai lá.
M 2 ; 10 . 12 (gravação)

I: Marcelinha, qual a cama que você dorme? Qual que é?

I: Onde cê dorme?

I: Mentira!

I: Olha que é mentira!

I: Eu não. Onde que eu durmo?

I: Não, ali é da Daniela e e da Mariana. Tô sabendo essa. De quem que será que é essa cama aqui?

I: Quem dorme aí?

I: Cê falô que você dorme na tua mãe, lá no quarto da tua mãe, no berço. Onde cê dorme afinal?

I: ã?

I: Ah é? Por que você não vai dormir lá?

I: ã?

Podemos notar que nos exemplos 2 e 3, **dómo** na fala de M vem precedido pela forma **dorme** na fala de I, sendo que, o mesmo não acontece em 1. Isto não invalida a hipótese de uma origem especular para as formas com a vogal média aberta do radical, pois o eco da fala do Outro resta na fala da criança.

Observemos o exemplo 4.

4 - (M, I e S no quarto de M)

I: Ela disse que ela dorme aqui.
Que ela tava dormindo aqui e é tudo mentira.
S: Pior que é mesmo!

M: Eu não **dumo**.

I: Ela dorme lá naquele berço.
I: Dorme!

M: Eu não **dómo**.

S: Não dorme!

M: Aqui.

I: Onde **cê** dorme?

S: Agora fala de verdade: onde **cê** acaba dormindo no fim da estória, Marcela?

M: É na chua cama.

S: Agora tá certo.

I: Ah, eu não deixava!

S: Agora tá certo.

I: Por que?

S: Tá certinho. Ela vai pro berço toda noite, mas logo depois ela vai pra minha cama.

M: Porque chim!

I: Porquê?

I: Não pode, **cê** sabia? **cê** tem que tá dormindo junto com as suas irmãs. **Cê** já é grandona. **Cê** não é mais nenê.

M: Não.

I: Né?

I: **Cê** é nenê?

M: Chô.

I: **Ã?**

M: Chô.

I: **Cê** é nenê?

M: Pode modê?

I: Não, não morde, Marcelinha.
Estraga as minhas fitas.

M 2 ; 10 .23
(gravação)

Podemos notar que tanto no exemplo 1 como no 4, temos a ocorrência do verbo **dormir** na fala do interlocutor com a vogal /u/ ("cê vai dormir?" e "...tava durminu..."). Em 1, M responde à pergunta de I, flexionando **dormir** em **dómo**. Em 4, podemos claramente visualizar as ocorrências de M como especulares. Inicialmente, M diz **dumo** logo após a ocorrência de **tava durminu** na fala de I e, diz **dómo** imediatamente após I ter dito **dorme**. Estas ocorrências, analisadas ao lado da fala do interlocutor de M, autoriza-nos a análise em favor do processo especular, que parece patente neste momento na fala de M.

Outro dado que pode colaborar para nossa análise, a favor do sócio-interacionismo, é a ocorrência abaixo, mostrando que esta aquisição pode ser analisada através do processo de especularidade e que está interligada ao processo de conversão da fala do Outro em discurso "próprio", é (o de número 5, a seguir):

5 - (M e I no quarto de M, que aperta seu boneco Murphy .fazendo barulho)

I: Ah, tem que apertá a barriga dele?

M: É. Daí ele não escuta nada.

I: **Cê** come, Murphy? **Cê** come? **Cê** dorme, Murphy?

M: **Dóime**

(M responde agudizando sua voz, como se fosse Murphy)

I: **Cê** dorme, Murphy?

M: Não, ma/(alto), e/ele não abi a boca.

(M diz com sua própria voz)

I: **Cê** ouve, Murphy?

M: Eu ouvo.

(M agudiza sua voz, como se fosse Murphy)

I: **Cê** dorme, Murphy?

M: Eu dóme.

(voz agudizada)

I: **Cê** sobe no muro, Murphy?

M: Chobe.

I: **Cê** sobe?!

M: Chobe.
 M: òch, fódjo.
 M: Pirirongo.
 (M volta a sua própria voz)
 M: Fójo. O pirirongo aí!
 M: Olha o pirirongo aí!
 (M está com medo do pernilongo que avista no quarto)
 M: Aqui ó. Aqui em cima!
 M: Tosse.
 M: Tóssó.
 M: Tosso.
 M: Dóme.
 M: Fójo
 M: Fójo! (alto)
 M: a boca faj(i) achim, ó: Chó ó.
 M: Eu que falei.
 M: A!
 M: Come.
 M: Ichì, não comeu mais!
 M: É, escapô.

I: Você foge, Murphy?
 I: Á?
 I: Cê foge, Murphy?
 I: Murphy, você tosse?
 I: Murphy! (chama)
 Dani: Nossa, de novo?
 I: Murphy, você tosse?
 I: Cê tosse, Murphy?
 I: Tosse?
 I: Dorme?
 I: Foge?
 I: Foge?
 I: Sobe no muro?
 I: Sobe no muro, Murphy?
 I: Cê sobe, Murphy?
 I: Murphy, cê ouve? O Murphy não fala, Marcela! Faz o Murphy falá.
 I: Credo! Cê come colher, Murphy?
 I: Cê come?
 I: Não comeu mais por quê? Escapou, Murphy?

M: O.
 M: Ipi/ ele babô.
 M: Eu, eu vô/ bi
 M: Eu babo! (alto)
 M: Ouve. Eu não!
 M: O quê?
 M: Come.
 M: Foge. Olha aqui o mofi.
 M: Babô.
 M: Fuma.
 M: Eu fumo com cigarrinho
 M: Aquele que o meu pai tem.
 M: O quê?
 M: Ô!
 M: Eu, eu vi.

I: Não precisa ficar olhando toda hora pro pernilongo. Vichi, acho que ele foi embora. Cadê?
 I: Ah, não! Tá ali paradinho. Enquanto tem luz ele não sai, Marcela. Ele não morde. Que cê tá fazendo?
 I: Babô? Cê baba?
 I: Á?
 I: Não grita! O Murphy ouve?
 I: O Murphy come?
 I: O Murphy come?
 I: O Murphy foge?
 I: O mofy/ que que ele tá fazendo?
 I: O Murphy fuma?
 I: Cê fuma, Marcela?
 I: Que cigarro?
 I: Mentira! Cê não trouxe nada! Cê já viu criança fumá?
 I: O quê?
 I: Ela riu.
 I: Cê já viu criança fumá, Marcela?
 I: Aonde?

M: No chindicato.

I: Sindicato tem criança fumando? (estranha)

I: onde que você gosta de passeá sem ser no sindicato?

M: No chindicato.

I: Onde mais? Onde mais cê vai passeá?

M: Eu não sei, o meu pai não tá aqui!

M 2; 10.30

(gravação)

Neste longo exemplo (5), podemos observar que as formas *dóime* (no lugar de 1ª pessoa), *fójo*, *tósso*, *chobe* (no lugar de 1ª pessoa) acontecem quando M faz de conta que é o Murphy e, portanto, assume a perspectiva dele no diálogo em primeira pessoa. Esta distinção pode ser notada graças ao traço supra-segmental que acompanha a fala de M, a entonação. Quando M fala por Murphy, M agudiza sua voz. As mesmas perguntas, com os mesmos verbos, feitas a M são respondidas por ela mesma, em terceira pessoa. O mesmo fenômeno que se observa quando ela fala de si, ocorre também quando ela assume o personagem como se fosse ele. Ou seja, acontece o mesmo desvio: há uma flutuação na marca de desinência (ora há, ora não). Mas o fato mais notável que percorre todo este trecho é a abertura da vogal do radical, marca incontestável do fenômeno da especularidade.

Na sessão de gravação aos 2;09.13, aparece pela primeira vez o item *dormir* devidamente flexionado em 1ª pessoa-singular, só que dito imediatamente após o turno de I, e, o mais surpreendente, exatamente com a mesma entonação de I. Foi esse dado, aqui identificado como 6, que me fez refletir tanto sobre os erros e os acertos nestas flexões. Por M ter dito exatamente, numa reprodução perfeita, com a mesma entonação que I, pode-se concluir que ela tenha flexionado este verbo? Parece-me que não. Em primeiro lugar, não se pode desprezar a entonação com que o segmento foi dito. Em segundo, não se pode ignorar que foi dito após a fala de I. E, em terceiro, M continua a dizer *domo* nas sessões seguintes: 2;09.25, 2;10.12, 2;10.23, 2;11.10, 3;00.07, 3;01.19, 3;01.25, o que nos sugere que M não integrou a forma esperada do ponto de vista da correção flexionada ao seu repertório. Isto sugere também que ela não está operando com uma regra. Se M tivesse aprendido a regra de flexão de 1ª pessoa-singular, bastaria acioná-la. O exemplo 6 nos mostra que o uso precede o conhecimento. Está claro que, apesar de o item aparecer como *dumo*, não se pode concluir que a criança aprendeu uma regra de flexão e integrou esta forma

ao seu repertório. Antes, este "acerto" vem nos confirmar que o processo de especularidade está permeando também as aquisições dos itens gramaticais, direcionando a organização deste sub-sistema gramatical.

Em 6, abaixo, podemos novamente surpreender *dumo* na fala de M acontecendo por especularidade. Vejamos.

6 -

(M, S e I no quarto de M)

I: Então eu posso dormir nesta cama aqui! É a cama que eu durmo. (ênfase)

M: A cama que eu dumo!

(com a mesma entonação que I)

I: Eu é que durmo aí!

M: Eu que é dumo.

S: SI

I: Ela é gostosa, grandona!

(I senta na cama nova de M)

M: Não é! Pra mim.

I: Olha que macia que é essa camona aqui!

M: Mas eu vô ganhá essa calça!

I: Vai nada! Cê não vai sair. Essa é roupa de passeá.

M: Não é.

I: Não? Assim estraga!

M: Não estago. olha eu!

I: Estraga.

M: Minha mãe faz assim. (alto)

I: Hum!

M 2; 10.00

(gravação)

O verbo *dormir* foi o que me fez suspeitar sobre que condições M flexionava de uma forma ou de outra e, também, duvidar da explicação oferecida na década de 70 para este tema. Parece que este verbo guarda boas condições de visibilidade para o investigador. Por este motivo, ele foi selecionado para esta discussão. Parece-me claro através das adjacências e, em alguns casos como em 6, pela entonação, entre a fala de I e M para os acertos, que ele acontece inicialmente na fala de M amarrado a um processo de especularidade. A ocorrência ocasional de *dumo*, por especularidade, não é seguida por outras de maneira a confirmar uma sistemacidade.

Afinal, trata-se de um comportamento especular de M com relação à fala de seu interlocutor naquele contexto específico. Podemos ver aí uma dependência estrutural de M com relação à fala de I a fim de converter o segmento de I para a 1ª pessoa.

Os outros verbos selecionados na classe dos que apresentam a alternância vocálica não apresentam condições de visibilidade tão boas quanto o dormir, mas temos alguns índices que permitem a mesma direção de análise.

Outro item a ser analisado é o **poder**. Embora este item envolva um problema a mais (a alteração para **poss-** no radical), que neste momento estaremos deixando de lado, ele entra em consideração aqui pelo aspecto da alternância vocálica.

Observemos o dado abaixo:

7 -

(M, S e I na sala)

- M: É.
- M: Pocho.
- M: Pocho.
- M 2 ; 00 . 26
(gravação)
- I: E aquele leitinho?
É meu?
- I: Posso bebê?
I: Posso?
- S: Posso!(estranheza)
I: Posso bebê?
- I: Posso.
I: Agora ela falou **pode**, né? Será que ela sabe que ela errou?
- S: Eu acredito que sim. Esse normalmente ela não tem. Às vezes acontece como agora.

Note aqui que a percepção de I foi falha neste caso. Só se deu conta no momento da transcrição.

8 -

(M observa a gravura de um bicho em um livrinho de estória que tem nas mãos)

- M: Mas o teu dia,
- M: Acoda tá falano.
- M: Tava.
- M: Va, tem coisa que anda.
- M: Tem coisa que anda.
- M: Tá co codinho Canudjo.
- M: Né.
- M: Pótsu.
- M: Posso.
- M: É.
- M: Tudão?
M 2;01.28
(gravação)
- I: Hum.
- I: Ah. Ele tava dormindo?
- I: E depois?
- Hum?
- I: Tá o quê?
- I: Ah, é! Ele tá tomando chocolate com canudo, né?
- I: Mas fiquei interessada naquele que tava dormindo aqui, que eu não vi direito. Posso abri no lugar?
- I: Posso?
I: Cê falou que eu ia bebê sua mamadeira. Você não deixô um tantinho! Bebeu tudo.
- I: A Dindinha ficou sem um pouquinho. Cê tomô tudo!

Tanto em 7 como em 8, M responde em 1ª pessoa, quando seria esperado em 3ª. Parece responder especularmente, ou seja, com as palavras de I. Pode-se visualizar uma dependência estrutural aí. Não parece haver análise de M sobre este item nestes dois exemplos. Muitos autores, como Peters (1983) Karmiloff-Smith (1986) e Lemos (1982, 1989, 1994), concordam que a fala inicial da criança seja constituída por extrações de fragmentos maiores ou menores da fala do seu interlocutor e, também, que os blocos sejam não-analisados pela criança. A posição de Lemos é, contudo, diferente sob alguns aspectos. Um deles é que, para a autora, as seqüências

congeladas (presas a discursos fixos) passam por um processo de resignificação, que inclui a experiência da criança com a própria linguagem. Lemos (1994, p.85) acrescenta que os pronomes pessoais e as flexões servem de índices importantes da transição de conversão do discurso do Outro em seu próprio discurso.

Observemos agora os dados, que estão marcando o período em que M já não incorpora um bloco de maneira não-analisada da fala de seu interlocutor.

9 – (I e M brincaram de dentista na sessão anterior)

I: Lembra que a gente brincô de dentista? Cê não lembra mais que a gente brincô de dentista, Marcelinha? Que cê abria a boquinha e dizi/tem que esperá na sala de espera?

M: É.

I: E agora cê tá com uma balona dentro da boca.

M: Eu não **pódo** brincá agora.

I: Ah, cê não pode? Por que?

M: Tô com bala na boca.
M 2 ; 07 . 18
(gravação)

10 – (M e I na sala)

M: A Dani. Que a Dani tá?

I: ã?

M: A Dani.

I: A Daniela foi no colégio.

M: Não foi-ê!

I: A Daniela foi.
A Mariana tá com aquela menina lá no quarto dela.

M: É meu aquele cáto, chabia?

I: Não.

I: Sério que é seu?

M: Você chegula aqui?
Chê chegula aqui?

(M pergunta se I segura o gravador pela calça)

I: Só quando eu vô embora, eu seguro. Só quando eu vô embora eu seguro pela aiça.

M: E a' e aqui eu cheguio.

I: Ah, você segura no teu colo.

M: Ô cheguio daí/bóm, daí, num qué da dim, não.

I: ã?

M: Não fajj lá, Sl. Cai no buração, ô não **pódo**. Chabia?

I: Hum, Hum!
(negativa) Não sabia.

M 2 ; 07 . 18

Em (9) e em (10), M já apresenta uma certa independência com relação à fala de seu interlocutor. A flexão em 1ª pessoa está presente, mas M mantém o radical **pod** (com a vogal aberta), tal como é esta forma de 3ª pessoa, ou mesmo na forma **posso**, que M, em um período anterior, dizia. A forma flutuante **pódo** é híbrida: revela em sua composição, por um lado, ainda uma incorporação da criança e, do outro, a desinência /O/, própria da flexão em 1ª pessoa. A fala do Outro ainda resta na da criança.

Outros autores oferecem uma explicação diferente da que a que adotamos neste trabalho. Eles também, como nós, privilegiam o erro como dado interessante para análise da fala da criança, mas analisam a sua entrada no repertório da criança dentro de outro modelo teórico. Refiro-me aqui ao trabalho de Karmillof-Smith (1986), que propõe analisá-los pelo padrão de curva em U.

Mais adiante, teremos novamente **posso**.

11 – (M, S e I no quarto da Ivanise)

S: Cê tá de sandália em cima da cama.

M: Mas eu posso.

S: Não, você não pode.

M: Eu posso puique eu tô veno na janela.

S: Tira a sandália.

M: Eu vô ficá descalça?

S: Eu deixo você ficá descalça.

M 3 ; 02 . 22
(gravação)

Em (11) podemos ver que a criança já flexiona o verbo poder, de modo a não parear seu uso com o de seu interlocutor.

A incorporação que antecede o período das formas flutuantes aparece em outros verbos dessa classe.

Privilegiar o erro em aquisição da linguagem significa dar lugar no estudo do desenvolvimento lingüístico ao processo de análise e reorganização lingüística e, portanto, valorizar as mudanças qualitativas que ocorrem na fala da criança (Figueira, 1992).

Concordando com a autora,

"...antes da reorganização ter lugar num domínio lingüístico específico, as crianças podem ser capazes de produzir elementos deste domínio de uma maneira bastante fácil e espontânea, dando a impressão (aparente) de que tenham incorporado as regras sintáticas, semânticas e morfológicas que estão por detrás de tal desempenho. Esta suposição só vai ser questionada quando as crianças, num passo adiante, começam a discernir relações e regularidades e aí começam a produzir ocorrências desviantes. Daí a importância do erro ou desvio como indicio, para o investigador, da elaboração ou construção de sub-sistemas..." (op. lit., p. 132)

CONCLUSÃO

O objetivo deste artigo foi o de descrever as mudanças que ocorrem na fala de M para a aquisição da flexão de 1ª p.s na classe de verbos com alternância vocálica, através da escolha de dois itens verbais (dormir e poder), os mais representativos no corpus da criança.

Diferentemente de trabalhos anteriores, privilegamos o erro como dado para análise, e, de acordo com o nosso ponto de vista teórico, incluímos o diálogo como unidade de análise. Pudemos com isso, observar a dependência inicial da fala da criança com relação a de seu interlocutor (especificidade), que também existe na aquisição dos verbos com alternância vocálica. Ao fazer isso, observamos que não se trata de a criança adquirir uma regra de flexão, conforme foi apontado por Perroni-Simões (1976), antes a criança está submetida aos processos dialógicos. Pudemos também constatar através do item dormir que o fato de a criança dizer dumo (no caso de M), em contexto apropriado, pode não necessariamente implicar num "acerto" por parte da criança. Foi possível identificar, neste caso, que o "acerto inicial" também ocorre por especularidade.

Não foi possível apresentar o trajeto de aquisição para cada item da classe desses verbos, por se tratar apenas de um artigo. Para maiores detalhes ver capítulo III de minha dissertação de mestrado. Por hora, vale a pena acrescentar que eles apontam à mesma direção da análise aqui desenvolvida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROWN, R. 1973. *A first language: the early stages*. Londres: G. Allen & Unwin Ltd.
- De LEMOS, 1982. "Sobre a aquisição da linguagem e seu dilema (pecado) original". *Boletim da Abralín*, 3,97-126.
- . 1985. Specularity as a constitutive process in dialogue and language acquisition. In: L. Camaioni & C.T.G. de Lemos (eds). *Questions on social explanation: Piagetian Themes Reconsidered*. Amsterdã: John Benjamins.
- . 1989. "Uma abordagem sócio-constructiva da aquisição da linguagem: um percurso e muitas questões". *Anais do I Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem*, CEAAL PUCRS.
- FIGUEIRA, R. A. 1992. "Algumas considerações sobre o erro como dado de eleição nos estudos da aquisição da linguagem pela criança normal". *Anais do II Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem*, CEAAL PUCRS, p. 131-141.
- PALMÊIRE, L. T. D. (inédito). "Aspectos da Aquisição do Sistema de Pronomes Pessoais e da flexão verbal por gêmeos." Trabalho de Iniciação Científica, CNPq.
- PERRONI-SIMÕES, C. M. 1976. "Aspectos da Gramática portuguesa aos dois anos de idade". Dissertação de mestrado, UNICAMP.
- SCOLLON, R. 1979. "A really early stage: an unzipped condensation of a dissertation on child language". In: E. Ochs & B. Schieffelin. *Developmental Pragmatics*. New York: Academic.